

Acordo sai a qualquer momento

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um acordo entre o Brasil e seus credores, iminente há vários dias, estava novamente para ser fechado, na tarde de ontem, "dependendo de dois pequenos detalhes", como uma fonte envolvida nas negociações disse à **Agência Estado**.

Os banqueiros passaram o dia reunidos nos escritórios de advocacia Shearman e Sterling, enquanto os brasileiros esperavam nos escritórios de advocacia Arnold e Porter, a dois quarteirões de distância, mantendo consultas constantes.

"Acho que vai sair", disse um dos negociadores, prudentemente, advertindo que em outras ocasiões as negociações alcançaram o ponto próximo do acordo, sofrendo então um recuo. O problema, esta fonte confirmou, não é mais nem o montante do pacote, nem o **spread**, que antes eram os obstáculos, "mas pequenos detalhes, um dependendo de um esclarecimento brasileiro, e outro, dos banqueiros".

Um funcionário do governo americano disse à **Agência Estado** que o montante de dinheiro novo previsto pelo pacote em fechamen-

to seria de US\$ 6 bilhões ou 6.6 bilhões se acrescentados os benefícios do **spread** de 13/16, ou 0.8125, igual ao do México, sobre o estoque da dívida. Os detalhes finais em discussão teriam que ver com o valor do prêmio de adesão antecipada dos bancos ao pacote, e também a fixação de prazos.

As negociações tendiam a prosseguir pelo sábado, uma semana depois de uma reunião de emergência convocada pelos bancos credores a pedido do ministro Mafson da Nóbrega. Se fechado o acordo, a equipe brasileira de negociadores, agora liderada pelo diretor da área de Dívida Externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, permaneceria em Nova York, para a redação do texto final, que deverá ficar pronto durante o mês de março; prevendo-se o primeiro desembolso de dinheiro para junho.

O Brasil pagará o restante dos juros que deve de janeiro, ou US\$ 580 milhões, logo depois de fechado o acordo, que está sendo negociado, em reuniões contínuas, desde outubro.

MISSÃO TÉCNICA

Começam amanhã, em Washington, as negociações técnicas entre o governo brasileiro e o Fundo

Monetário Internacional (FMI). A missão técnica brasileira apresentará um diagnóstico da economia brasileira e os primeiros parâmetros para a fixação das metas de um novo acordo com a instituição. As discussões se prolongarão até a quarta-feira e na quinta a missão já estará de volta ao Brasil.

Os técnicos apresentarão a primeira medida de austeridade adotada pelo governo brasileiro para conter o déficit público de 1988, o contingenciamento do crédito ao setor público. Explicarão aos técnicos do FMI que o Brasil adotará ainda outras medidas para reduzir o déficit potencial de 6% do PIB para algo entre 3 e 3,5%.

A missão brasileira será integrada por cinco técnicos: os assessores especiais do Ministério da Fazenda, Michal Gartenkraut (que chefiará o grupo) e Raimundo Monteiro Moreira; o chefe do departamento econômico do Banco Central, Silvio Rodrigues Alves, o secretário de assuntos econômicos do Ministério do Planejamento, Raul Wagner dos Reis Velloso; e o técnico do Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) João do Carmo Oliveira.